

ALBUM

DIRECTOR, ARTHUR AZEVEDO.

SECRETARIO DA REDACÇÃO, EMILIO DE MENEZES.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 26\$000 e 13\$000. — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

ALUIZIO AZEVEDO	Olavo Bilac.
MAGESTADE	Cunha Mendes.
CHRONICA FLUMINENSE	A. A.
FESTAS	C. Védriani.
DOR DE DENTES	Lilasia.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTONNO	Alfredo Bastos.
CARTAS DO CAMPO	Bento Ernesto Junior.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico da actriz

LEONOR RIVERO

ALUIZIO AZEVEDO

Ainda ha dois ou trez mezes, o meu querido, o meu pobre Pardal Mallet, em um artigo da *Noticia*, —(ai de nós! foi o seu ultimo artigo!) salientava, a proposito do apparecimento da *Mortalha de Alzira*, a excepcional coragem, a exemplar pertinacia com que Aluizio Azevedo, cujo retrato insere hoje o *Album*, vive ha vinte annos a atirar livros sobre livros a este espantosamente pifio *meio* litterario. A sua vida tem sido uma longa e tremenda batalha, cheia de triumphos que lhe deixam a cabeça coberta de louros, deixando-lhe as algibeiras vasias. Nunca o viram esmorecer na lucta : nas mesmas amargas decepções que o ferem tem elle haurido a força precisa para arremetter de novo contra a ingratição d'esta terra.

Quem o não conhece? Bello e forte, com uma grande cabeça poderosa em que dous olhos admiraveis fulguram, a sua figura é a de um luctador sereno e bom. Ha na sua physionomia um não sei que de grave e triste, esse ar que Balsac dizia achar-se sempre na physionomia dos grandes trabalhadores.

Maranhense, Aluizio Azevedo tem a imaginação fecunda, a inexgotavel actividade, a inabalavel coragem tão communs no Norte do Brazil, que é a nossa Provença.

Muito criança, já o glorioso romancista de *Mulato* revelava uma inclinação irresistivel para as coisas de Arte.

Seu pae, o commendador David Gonçalves de Azevedo, antigo vice-consul de Portugal no Maranhão, era um velho rigido, de uma tempera de aço, de inabalaveis principios em materia de honra e de trabalho. Aluizio, feitos seus exames preparatorios no Lyceu da cidade natal, teve logo de procurar meios de ganhar a vida. Era um dos principios de educação do seu severo, mas amoroso progenitor. Destinado desde logo a uma profissão que se não compadecia com as tendencias do seu espirito, o moço maranhense teve cedo de pagar o seu tributo de desgostos e de contrariedades. Entrou como despachante para um armazem... Como despachante! Naturalmente, fez uma tristissima figura n'esse officio, porque, em vez de aviar os despachos, caricaturava os empregados da Alfandega em pedacinhos de papel que corriam a cidade. Com as caricaturas, appareciam satyras em verso: é facil calcular quantos odios se accumularam desde logo sobre a cabeça do atrevido despachante. Um dia, uma nausea mais forte lhe subio da alma á garganta, e o futuro romancista atirou ás ortigas o emprego e entregou-se á Arte de corpo e alma, com uma bravura de criança e uma confiança de predestinado.

Já antes de ir bocejar de tedio nos escuros armazens aduaneiros, Aluizio mostrára tanta vocação para a pintura, que um velho professor italiano, que por esse tempo vegetava na provincia, Domingos Tribuzzi, enthusiasmado, quiz que o rapazelho partisse para a Italia. Bastava para isso que o pae do pequeno lhe fornecesse uma pensão modica. Mas, ai de nos! os nossos paes pertenceram a uma geração, em cujo espirito a ideia de Arte se confundia com a ideia de devassidão e de vagabundagem... E o menino, que tinha então 12 annos, e que n'essa idade já fóra substituto do seu professor na aula de desenho, teve de ir despachar generos.

Abandonando o emprego, foi ser professor de portuguez e dezenho no collegio do padre Teillon. Mas, o ordenado era pequeno, e Aluizio abalançou-

se a tomar quantas encomendas de retratos a oleo lhe appareceram. Começou a transportar para a tela todas as oleosas faces da burguezia maranhense: chegou a dedicar-se especialmente a retratar defuntos.

N'esse tempo já o dominava a ardente preocupação da verdade na Arte. Os outros retratistas pintavam os seus mortos como *cocottes*, — labios tintos a vermelhão, olhos cuidadosamente cerrados, faces barbeadas de fresco, iudo para o fundo da cova como para um salão de baile. Nas telas de Aluizio, o pavor e a fealdade da morte se mostravam sem disfarce: um olho mal fechado, a cór terrosa da face de-co nposta, um dente cariado entre os labios do morto, — tudo apparecia fielmente reproduzido no quadro.

Imagine-se o escandalo produzido na provincia por essas espantosas telas! Um dia! contando-me isso, dizia-me Aluizio: «Ah! meu caro! imagine você que um d'esses retratos era tão feio, na sua crua verdade, na sua horripilante representação viva do horror da morte, que servio muito tempo, em S. Luiz de Maranhão, para intimidar as crianças manhosas... Não ria! digo-lhe a verdade! O retrato era emprestado de casa em casa, entre familias. Assim que as crianças começavam a fazer manha, as mães intervinham: — Olha que vou buscar o tabellião! — Oh! ainda hoje ha no Maranhão muita gente que deve a boa-creação, que tem, á sinistra influencia do retrato do tabellião!»!

Mas não só a pintura lhe enchia as horas; o escriptor começava a acordar tambem dentro da alma do moço. Aos 17 annos Aluizio escreveu o romance *Lagrima de mulher*, publicado em 1879, e um livro illustrado, *Minhas memorias*, ainda hoje inedito.

Foi então que o Rio de Janeiro começou a atrahil-o, com a sua fama de cidade civilisada. O pintor arrumou as tintas e a roupa, e abalou para esta gloriosa Sebastianopolis.

Ao chegar, rasgou as cartas de recommendação que trazia para varias casas de negocio de café, e procurou ser admittido na aula de modelo vivo da Academia de Bellas Artes.

Porque ainda era esse o seu maior desejo: ser pintor. E hoje mesmo, o romancista do *Cortiço* não se consola de haver sido forçado a contrariar a sua primitiva vocação. Para comer, pintou varios scenarios de theatro, e illustrou durante annos, successivamente, o *Figaro*, a *Comedia Papular* e o *Mequetrefe*. Na *Comedia* estreiou como poeta, e no *Mequetrefe*, então dirigido por José do Patrocinio, publicou os seus primeiros contos.

Depois de 3 annos de estudo e trabalho, applaudido e encorajado por Victor Meirelles, Almeida Reis, Bordallo Pinheiro, Bittencourt, — Aluizio Azevedo suppoz (illusões dos 20 annos!) que a sua patria lhe devia alguma animação. E requereu do governo da provincia do Maranhão o auxilio de uma mesada com que pudesse ir estudar pintura na Eu-

ropa. A provincia do Maranhão fez ouvidos de mercador...

O moço pintor, depois de uns dias de tristeza negra, resignou-se. Aos vinte annos, as ingratidões não dóem. Quem tem vinte annos perdoa e esquece facilmente. E eil-o restituído ao trabalho sem tre-goas.

N'essa epoca florescia no Rio a boheμία dourada, o cenaculo radiante em que a palestra de Arthur de Oliveira esplendia como um maravilhoso fogo de artificio; em que Fontoura Xavier, em alexandrinos de fogo e sangue, pedia gulosamente cabeças de monarchas; em que o *baudelairismo* de Theophilo Dias cantava, perturbador e sensual, nas rimas de ouro das *Fanfarras*. Aluizio, admittido no cenaculo, dominou-o logo. E quando, d'ahi a pouco, teve, por interesses de familia, de voltar ao Maranhão, já, no seu temperamento artistico, o escriptor tinha vencido o pintor.

Na provincia, fundou um hebdomadario de propaganda anti-clerical, o *Pensador*; os seus artigos, em que a violencia da mocidade explodia em coleras e ironias, fizeram epoca; já n'elles havia esse amor de analyse conscienciosa, que fez de Aluizio o mais profundo observador da nossa litteratura.

Perseguido pelos padres, insultado pela burguezia que a sua audacia escandalisava, o redactor do *Pensador* teve mesmo de ser submettido a processo, por crime de abuso de imprensa.

Até 1880 redigio essa folha, e a *Pacotilha*, e publicou a *Lagrima de mulher*, obra romantica, vasada nos moldes de Lamartine e Hugo.

Em 1880, o escriptor affirmou-se, e affirmou-se por uma verdadeira revolução nas lettras brazileiras, publicando o *Mulato*.

Esse romance admiravel, primeira conquista do naturalismo no Brazil, provocou um clamor longo de applausos e de injurias. No Maranhão, o escandalo assumio proporções extraordinarias. Em pleno horror de escravidão, a obra, francamente abolicionista, soava como um grito de guerra. O processo novo, em que o amor intransigente e fervoroso da verdade apparecia com a vehemencia de uma religião, levantou contra si todos os grammaticos, todos os rhetoricos, todos os delambidos do tempo. Depois, o romance era brasileiro, profundamente brasileiro: os seus personagens fallavam a lingua do Norte, e essa lingua mascula já rica de brazileirismos; não usavam o duro portuguez de lei, nem a alambicada doçura dos dialogos de Alencar. A edição esgotou-se em breve tempo. E o auctor, com o magro dinheiro que ella lhe rendêra, veio de novo para o Rio, onde Urbano Duarte chamára para o livro as attentões de todos, soltando o seu celebre grito de vigia: *Romancista ao Norte*.

No Rio, Aluizio Azevedo, abandonando pinccis e telas, dedicou-se de todo ao romance. D'ahi por diante, não descansou.

A sua bagagem litteraria é a mais rica, a mais abundante do Brazil. Vinte e cinco trabalhos for-

mam essa bagagem. E o mesmo sopro vasto de talento, de observação e de nacionalismo anima essa brilhante serie de volumes, desde o *Mulato* até os *Demonios* e esse mal fadado *Livro de uma sogra* que um editor tem em mãos ha tanto tempo, — deliciosas paginas de ironia e de moral conjugal, que já tenho a fortuna de conhecer por leituras feitas na intimidade do gabinete de trabalho do auctor.

Não cabe no estreito limite d'esta noticia analysar Aluizio Azevedo e a sua obra. De resto, a critica d'essa obra está feita. Citei apenas os titulos dos vinte e cinco trabalhos. Temos primeiro a serie dos livros de phantasia: *Lagrime de Mulher*, *Philomena Borges*, *Mortalha de Alzira*, *Demonios*, *Mysterio da Tijuca*, *Memorias de um Condemnado*. A obra puramente naturalista compõe-se de : *O Mulato*, *Casa de Pensão*, *O Coruja*, *O Homem*, *O Cortiço*, *Livro de uma Sogra*. Obras theatraes: *O Mulato*, drama em 3 actos; *Philomena Borges*, comedia em 1 acto; *Os Sonhadores*, comedia em 3 actos. De collaboração com Emilio Rouede— *Venenos que curam*, comedia em 4 actos; *O Caboclo*, comedia em 3 actos; *Um caso de adulterio*, comedia em 3 actos; *Em flagrante delicto*, comedia em 1 acto. Com Arthur Azevedo— *Casa de Orates*, comedia em 3 actos; *Flor de Liz*, opereta em 3 actos; *Fritz-mack e Republica*, revistas de anno. Com Olavo Bilac— *Triboulet*, traducção em alexandrinos rimados do drama *Le Roi s'amuse*, de Victor Hugo. Não fallo de uma comedia em 1 acto, *Os massantes*, encommendada a Aluizio por um empresario, que, alem de lhe não pagar o trabalho, ainda lh'o surripou, mudando-lhe o titulo e fazendo-o representar por conta propria na provincia, — façanha que em qualquer outro paiz seria um passaporte para o banco dos reus, mas que no Brazil é antes um passaporte para os bancos de credito.

Tambem não faço menção da copiosissima collaboração litteraria de Aluizio Azevedo, fartamente espalhada por toda a imprensa do Brazil.

*

Ahi fica, rapidamente contada, a vida do prodigioso trabalhador cujo retrato faltava á galeria do *Album*. Se me perguntardes agora o que tem elle lucrado com esse esforço, com essa vida terrivel, que quebra os nervos, espatifa o estomago, fulmina a alma e o corpo, — não vos direi nada. Ha coisas em que não é bom tocar.

Paro aqui, porque a minha penna poderia escrever duras linhas, duras e inuteis, em que viesse palpitar a profunda indignação que me sacode, ás vezes, quando vejo que o Brazil esquece aquelles que mais têm trabalhado para a sua gloria.

OLAVO BILAC

MAGESTADE

A BELLARMINO CARNEIRO

Bella! que o teu cabello agora se desfralde
A' maneira triumphal de victoria e de pompa:
E, em clangor de clarim, em bramido de trompa,
De aureos florões reaes o povo te engrinalde!

Alta, a fronte atufada em rosas de côr jalde,
De tua carne aromal toda a volupia rompa
E escandalise a terra e as virtudes corrompa.
Chore embalde o pudor, o pudor grite embalde!

Porque a belleza é sempre a gloria immorredora
Que ha de eterna assombrar, emquanto a mocidade
Sentir que a carne ruge e, em febre, o sangue estoira!

Gloria a ti que és formosa! Alta e triumphante, exemplar
E mostra heroicamente a tua magestade
Que, assombrada e ajoelhada, a multidão contempla!

CUNHA MENDES.

Rio, Maio, 94.

CHRONICA FLUMINENSE

Medeou tão grande espaço de tempo entre este e o ultimo numero do *Album*, que me seriam precisas muitas paginas para escrever a chronica dos acontecimentos havidos durante esse interregno. Reflecto, porém, que tão longe vão taes acontecimentos, que já não encontram cabida n'estas columnas.

*

Entretanto, não posso deixar em silencio a morte de Pardal Mallet, que foi um dos mais illustres colaboradores do *Album*.

Peza-me que o desaparecimento do grande pamphletista fosse tão ligeiramente commentado pela imprensa brazileira. Pardal Mallet merecia alguma coisa mais que os rapidos necrologios que o acompanharam á sepultura; não lhe foram prestadas as honras a que elle tinha incontestavel direito e que a sua illustre memoria ainda reclama lá do outro mundo.

De uma philosophia um tanto paradoxal, de uma politica um tanto desorientada, era Mallet um escriptor vibrante e caloroso, cujas producções hão de ser lidas e relidas quando mais tarde os nossos filhos ou os nossos netos fizerem o inventario do espolio artistico d'esta epoca em que todas as preocupações se acham completamente entregues a dous absorventes implacaveis, — o commercio e a politica.

Folgo de ver que as condições penosas da nossa existencia litteraria e o exemplo, dolorosamente caracteristico, do desaparecimento da *Semana* — cujas colleções os posteros hão de comprar a peso de ouro, — não desanimassem os valentes operarios da litteratura que acabam de lançar aos ventos da publicidade o primeiro numero da *Revista brasileira*.

Honra a José Verissimo, o director, e a Paulo Tavares, o gerente d'essa empreza arrojada e consoladora, que promete enriquecer as nossas letras com um volume de quinze em quinze dias!

*

Todavia não nos podemos queixar do movimento litterario do anno que findou, pois em verdade não temos absolutamente o direito de exigir muito.

O de 1895 apresenta-se com boa cara. Tenho sobre a meza algumas publicações recentissimas, e todas me parecem dignas de attenção e sympathia. De entre ellas destacarei as *Gammas e palhetas*, de J. Paixão, um poeta realmente apaixonado, as *Caricias*, de Garcia Redondo, e as *Chronicas e novellas*, de Olavo Bilac, o fulgurante e estimadissimo poeta que opulenta este numero do *Album* com cinco palmos da sua prosa illustre.

*

Que dizer da medonha catastrophe produzida pelo incendio da barca *Terceira*? Onde irei eu desencantar phrases que exprimam, embora pallidamente, a tremenda impressão que me causou tão clamorosa desgraça? Que extraordinaria palheta me forneceria as tintas com que eu pintasse ao vivo todo o azedume de que minh'alma se encheu diante d'aquella embarcação em chammas?

Ha fatalidades diante das quaes o espirito mais estoico deixa-se subjugar e opprimir. Para escrever sobre esse incendio e esse naufragio que tantas vidas custaram, seria preciso que eu enchesse o meu tinteiro de lagrimas e sangue!

A. A.

FESTAS

A MINHA FILHA

Sabes d'aquelle inglez, nosso visinho, — de barbas ruias e compridas pernas, — cuja esguia figura-te amedronta e ja te fez chorar lagrimas ternas?

Pois elle mesmo, ha pouco, vi passando pelo nosso jardim e com dous filhos, alegres, vivos, trefegos e garrulos, — olhos brilhando com estranhos brilhos. — E' que ambos sobraçavam taes em-

brulhos de brinquedos de festas, que, em verdade, julguei que o pae trouxera só para elles toda a quinquilharia da cidade...

Filha, somente tu n'estes bons dias, em que os lares felices são em flóres, só no teu berço sem adornos ficas, tu, a consolação dos meus agrosos! Nem sequer um ruidoso Pulcinello, pratos batendo, prende os teus olhares, nem multicolor esphera de borracha para te divertir salta nos ares... Nada... E o Natal as *arvores* enflora das casas ricas dos que são felizes, plantas que um dia vivem, e entretanto, deixam no coração tantas raizes!

Nada, filha, te dou... E como outr'ora ficaria o teu berço alegre ninho, se eu o enfeitasse com as chimeras loiras que voavam nas curvas do caminho. Tanto esplendor de luz em minha estrada quanto sonho altanciro no meu craneo! — e hoje em redor de mim a treva, e dentro de minh'alma um escuro subterraneo..

Inda assim, que ventura, se algum dia, quando o Natal bater á nossa porta, e tu, da vida em plena florescencia, inda fores a luz que me conforta; se eu puder, junto a ti, muito em segredo, dar-te o presente que reservo ha tanto, e que recordarás saudosa e triste, — filha do meu amor e do meu pranto. Quero é mostrar a ti, lá n'essa quadra, como lição á tua primaveira, como é que a um coração, que a nada aspira, doce lembrança anima e dilacera...

C. VÉDRINI.

DOR DE DENTES

A ARTHUR AZEVEDO

Eu não podia acreditar que aquelles alvos dentes engastados no rubro da sua bocca como perolas caras guardadas em purpuras, pudessem causar-lhe um só momento de magoa, elles que só momentos de prazer e de orgulho lhe deviam ter proporcionado e lhe deveriam sempre proporcionar, até que a *mão destruidora do tempo* viesse arrancar-os d'aquella bocca adoravel em que brincavam sorrisos e rouxinolavam beijos!

E não era uma duvida que eu tinha, era quasi uma certeza. Ainda no dia anterior vira Eduarda com a escova, empoada de um polvilho roseo e mettida na bocca pequenina, esfregar delicadamente os finos dentes claros, a fazel-os mais claros como se mais claros elles se pudessem tornar. E não notára no seu rosto o menor vislumbrededor. Parecera-me, ao contrario, que os seus olhos estavam mais luminosos e alegres por verem no rutilo crystal do cspelho que a alvura d'aquellas perolas era ainda a mesma alvura immaculada de sempre.

ANNO II

O ALBUM

NUM. 54



Phototypia J. Gutierrez.

ALUIZIO AZEVEDO

Como, pois, pela noite, pudéra surgir aquella dorzinha fina de que ella se queixava agora e que, segundo dizia, não a deixava dormir ?

Pedi a Eduarda que me mostrasse o dente dolorido. Ella arqueou n'um sorriso magoado os labios frescos e negou-se a mostrar-me o maldoso dente, dizendo :

— Dóe tanto, meu amor !..,

E quasi duas lagrimas lhe borbulharam nos olhos embaciados pela magoa, e a sua mão cheirosa e tepida foi aquecer, n'um affago, a face dolorida. Tive pena de Eduarda. Não sei, felizmente, o que é uma dor de dentes, mas aquella que estava magoando a minha amiga e que não a deixára dormir durante uma longa noite, comprehendí que devia ser atroz. Coitada de Eduarda ! A sua face, por effeito da dor, estava mais rosada e brilhante.

— O caso é grave, pensei, e os bons serviços de um dentista são indispensaveis. Pois bem, conclui, dirigindo-me a Eduarda, vae ao dentista, vae ao dentista !

Ella, como se já esperasse o meu conselho, tinha começado a fazer a sua *toilette*. Ficou assim mais bonita, tão certo é que o vestuario constitue uma segunda belleza da mulher. Envergou um vestido leve de cassa branca, enfeitado com rendas crême, um bello vestido que descia sobre o seu corpo como um manto de espumas, revelando os contornos, as linhas suaves e graciosas do seu busto, fina idealisação de poeta ou deslumbrante sonho de amante.

Por sobre a cabelleira farta, arrepanhada no alto da cabeça por grampos e fitas, desnudando a nuca setinosa, poz um chapéo de palha clara, onde um laço rubro fluctuava, como um lábaro — lábaro da graça dominando corações ! E para que lhe não vissem o afogeadado do rosto — esse rubro de febre que a dor de dentes imprimira á sua face — derramou por sobre ella uma farta nuvem de pó de arroz, que deu alvura e perfume a esse rosto macio, a essa face formosa que eu beijava sempre e que n'aquelle dia perdêra a minha mais ardente caricia por causa da insidiosa dor de dentes.

E ainda não foi tudo. Como se a graça não estivesse ainda sufficientemente ataviada de atractivos, ella poz nas finas conchas das orelhas roseas uns pingentes rutilantes, em volta do pescoço appetitoso enrolou um collar de perolas e nos pulsos roliços prendeu umas cadeias de ouro mosqueadas de saphyras.

Tanto luxo para ir consultar um dentista ! Ah ! mas é que a sua dor era uma dor tão fina !... Depois convinha-lhe, talvez, ir vestida com esse luxo de mulher *chic* e elegante. Diante da sua belleza e da sua pompa o dentista se curvaria respeitoso e subjugado pelas duas magestades reunidas — a da moda e a da mulher ! E então com um cuidado meticuloso faria o exame do dente dorido e a applicação do remedio suavizador.

Emquanto Eduarda preparava a sua *toilette*, eu retirara-me para o vão de uma janella e d'ahi olhava

para a rua. Fazia um dia maravilhoso. Isso predispunha-me para o passeio. Eduarda, de certo, não me negaria o favor de me deixar acompanhá-la. Havia já duas semanas que nos installamos n'aquella casa e, seguramente, não havíamos tido ainda duas occasiões como aquella para espairecermos o nosso amor.

De facto, Eduarda aceitou a minha companhia. Somente me recommendou muito que, na casa do dentista, eu me afastasse d'ella. Tinha vergonha de mostrar a sua fraqueza. A operação podia ser dolorosa, obrigar-a a soltar gritos que, certamente, me constrangiriam o coração. Queria poupar-se um vexame e furtar-me a uma dor. Submetti-me passivamente á sua vontade soberana.

A sala do dentista estava vazia. Completa ausencia de consultantes, por causa da hora ou por outra qualquer. Isso foi uma felicidade para Eduarda, porque com a viagem de casa até a cidade, a dor de dentes tinha-se tornado insupportavel e a pobre rapariga, mal se vio na elegante sala, correu açodadamente para o gabinete cirurgico onde o dentista, um louro rapaz de bigodes sedosos e olhos azues, se achava, limpando petrechos de seu officio. Fiel á recommendação de Eduarda, deixei-me ficar na sala, passeiando de um lado para outro, a olhar para os quadros de largas molduras douradas, suspensos das paredes. O dentista, homem amavel e polido, mas tambem, e naturalmente, muito solícito em prestar seus serviços profissionaes, veio á sala cumprimentar-me rapidamente e convidar-me para me sentar. Depois correu para o gabinete.

O meu coração batia com celeridade. Previdente fôra Eduarda, recommendando-me que não ficasse proximo do tabique para evitar a magoa de ouvir qualquer gemido que soltasse por effeito de alguma dor produzida durante a operação. Ah ! se eu a ouvisse gritar, gemer que fosse, creio bem que, irado, correria ao gabinete e, aos soccos, despedaçaria o misero dentista ! Ora, as operações dentarias muitas vezes são bem dolorosas, mas não justificam essa intervenção violenta de segundos que, quando muito, apenas poderão sentir uma dor toda moral. Seria o meu caso, se a operação tivesse de ser penosa para Eduarda. Felizmente, eu estava longe do gabinete e, pois, a minha amiga poderia gemer á vontade que nem eu sentiria o abalo moral, nem interviria na operação. Deixava-a inteiramente entregue ao dentista — o elegante rapaz louro, de bigodes sedosos e olhos azues...

Passou-se um quarto de hora, um longo quarto de hora que, ancioso, afflicto, gastei em olhar os insipidos quadros das paredes, distrahindo-me para que não chegasse aos meus ouvidos nem o echo, sequer, da voz de Eduarda.

Mas, apoz aquelle quarto de hora, um outro quarto de hora escoou-se vagarosamente, sem que nenhum ruido, sem que nenhum som se ouvisse. Essa demora inquietou-me ainda mais, por me parecer motivada pela gravidade da operação. Com-

tudo, como eu nada via, nem ouvia, tranquillizei-me e continuei a olhar para os quadros. Era uma distracção pequena, mas uma distracção que amenisava a minha anciedade. Passou-se ainda outro quarto de hora. Subio de ponto a minha angustia. Então uma ideia terrível me assaltou o espirito :

— Querem ver ? pensei eu de mim para mim, como se em mim houvesse mais de uma pessoa. Querem ver que o dentista adormeceu-a ?

Approximei-me do tabique. Meu primeiro impeto foi de embarafustar pela porta do gabinete ; mas conteve-me uma consideração sensata : talvez que, em vez de estar dormindo sob a acção d'algum narcotico, Eduarda estivesse apenas esperando o effeito de algum remedio. Isso e vozes que ouvi ao approximar-me do gabinete, fizeram-me desviar do tracto que levava e ir postar-me junto do tabique. Eduarda fallava.

Desopprimio-se-me o coração ! Estava curada, livre da dor e agora ouvia, talvez, os conselhos do cirurgião. Este fallava pouco, ella fallava mais, porém ambos em voz baixa, apenas perceptível atravez do tabique. Collei o ouvido a este. A palavra *beijos* veio de dentro, n'uma modulação tão doce e harmoniosa, que me pareceu ter sido vibrada nos labios roseos de Eduarda pelos labios atrevidos do dentista ! Mas, ora adeus ! Isso era lá possível ! Comtudo, senti um irrefreivel desejo de ver o que se passava lá dentro. Por felicidade deparei com um pequeno orificio no ponto de junção de duas taboas, provavelmente produzido por alguma criança ardilosa que se divertira em cravar os dedos no papel, furando-o. Olhei.

Desvaneceram-se minhas suspeitas. Minha formosa amiga estava em pé, prompta a sahir e tendo nos labios um sorriso bom. Já não a molestava o dente.

Afastei-me do tabique, alegre ! Lembrei-me que já n'aquella tarde poderia beijal-a na face curada ! Tive apenas tempo de sentar-me de novo na cadeira para simular que alli esperára pacientemente o termo da operação. Eduarda appareceu, sorrindo, seguida pelo dentista.

— Ah ! disse ella n'um suspiro, já estou boa ! O Sr. Z... é, realmente, um habil cirurgião.

— E' verdade, confirmei eu abrindo a carteira e entregando-lhe a importancia da consulta.

Sahimos. Quando chegámos á casa eu quiz beijar Eduarda. Ella, porém, repellio-me docemente, dizendo :

— Ai ! ahi não ! Dóe-me ainda muito...

— Como ? retorqui eu surpreso. Pois não te passou a dor ?

— Não inteiramente. Em fazendo pressão sobre a face, por muito branda que seja, volta logo a dor.

— Ora essa ! Eu pensei que a cura tinha sido completa !...

— Ah ! isso não, *meu senhor* ! Tenho de voltar ao dentista mais algumas vezes.

— Pois, minha querida, eu não podia acreditar que esses alvos dentes pudessem dar-te tantos pezares !

— Pois assim é, meu amigo.

E mudando de tom :

— Dize-me : tu estiveste sempre afastado do gabinete ?

— Sempre ! respondi, mentindo. Bem sabes que cumpro escrupulosamente as tuas ordens.

— Ah ! Fizeste bem. Houve um momento em que senti uma dor atroz e creio que cheguei a gritar.

— E' verdade ? inqueri afflicto, como se estivesse a ouvir o lamento e a ver Eduarda contorcendo-se com a dor.

— Não acreditas ?

— Ah ! minha querida, eu nunca pensei que os teus lindos dentes te causassem tantos pezares !

Sorrio-se Eduarda, vendo a minha admiração.

LILAZIA.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XVI

(Continuação)

Ora, como quem adormece, o que de menos lhe póde succeder é despertar, não admira que ás onze horas Lucio entre-abrisse o cortinado das palpebras e os labios tropegos para ver e perguntar quem era o importuno, que o içava do colchão com uma força de carregador de trastes.

Quem podia ser ?

— *Caramba!*— carregou na palavra o doutor, ao mesmo tempo que a physionomia se lhe tornára exotica com o desalinho do bigode e do cabello. Onde dormiste, Carrero ?

— Santamente, em casa honesta !

— *Ya lo creo!* Depois de uma noite de ceia, onde se poderia dormir ? Não é isto que te pergunto. Onde dormiste — como quem diz — onde obtens um criado honesto, que te viria acordar a boas horas, se fosses medico, consciencioso, amigo de cumprir deveres ? Imagina que tenho serios doentes, o que não é o mesmo que ter doentes serios, e que já se foram as horas de estudar a marcha de uma tísica em estado *galopante*, de uma pneumonia, de uma febre tifoide, da anemia de uma senhora casada, da chlorose de uma rapariga, ainda solteira, mas que tem um noivo de mil demonios, que a ama com desespero e a quem ella retribue, sacrificando-se e rezando á Virgem Santissima para que chegue o dia de seu casamento ;

a pobre já está cansada de ouvir o noivo dizer-lhe, sem tregua nem piedade: «quando serás minha?»

— Pois, carissimo Lucio, tem paciencia; d'esta vez, porém, guarda a tua consciencia porque não podes ir tão cedo ver os teus doentes. E, demais, deixa-os que peioem; com certeza esperas salvá-os; por consequencia, tanto mais gloria para o medico e tanto mais *pesos* para as algibeiras.

— Explica-te.

— E sem preambulos. Sabes que pensei toda a noite no que tens a fazer, depois do procedimento de Carmen? — principiou Carrero, dando ás pernas a abertura de um angulo agudo, balouçando-se e enterrando nos bolsos da calça as mãos, sumidas n'umas *jouvin* côr de palha secca.

— *Idem!*... — respondeu Lucio.

— E sabes mais que estou com cinco horas de atrazo no somno para te vir emprestar a minha ideia?

— Ouçamos!...

— E previno-te que Carmen é nossa, ... quero dizer, tua; para isso, porém, é necessario passar o Rubicão. Nada de temores, muitissimo de temeridade; e lembra-te da emphase de Cezar, quando deu a ultima phrase á decisão do seu plano. *Alea jacta est!*...

— *Está jogada a carta.*

— Precisamente! Traduziste como o padre Emerico. E, tão analogo é o teu caso ao de Cezar, que tambem se trata de jogar uma carta, e ainda assim levas superioridade sobre o vencedor da Gallia; elle fallou em jogar carta e nenhuma jogou, enquanto que tu és o que vaes fazer sem perder nem sequer dous minutos.

— Uma carta? e para quem?

— E' boa... para Carmen!...

— Para Carmen?—interrogou Lucio, dando um pulo entre os lençoes e ficando um cotovello no travesseiro.

Os olhos se lhe esbogalharam enormemente.

— Escrever uma carta a Carmen! Eu?

— Sim! Sim! Sim! Tu!... Vaes escrever uma carta á tua infel Carmen, *Carmissima*, se permittes que diga uma asneira grammatical para ver se com superlativos te deixas mais facilmente vencer.

— Emfim! vamos ouvir; bem sabes que sou homem de raciocino. Vamos lá!... tira-me d'esse charuto toda a tua logica.

E Carrero, como quem obedecia á ordem do amigo, soltou uma fumarada, que se desenrolou dos labios até ao tecto n'uma helice graciosa e irregular.

Depois, deixando pender a fronte e ficando a ponta do queixo no collarinho á Wallace:

— Ouve-me!—disse, dando tambem aos braços a posição dos de um padre ao pronunciar o *Dominus vobiscum*—careces de escrever essa carta, porque d'ella provirá, talvez, uma reacção favoravel ao teu amor, e por consequencia de effeito des-

esperador para esse pobre diabo de Guillerme Tosti.

— Quero crer, meu amigo! Mas para ser devéras franco — não percebo o manejo da tua diplomacia.

— Entretanto é facilima a trama; Carmen offendeu-te seriamente; não podes ter a menor duvida sobre esse ponto. Se não te mandou pateiar, foi cumplice do plano posto em pratica por Guillerme.

— Ah! estão as minhas sérias duvidas, meu amigo. Não sejamos precipitados.

E então Lucio, como se envelhecesse de cincoenta annos, explicou todo o seu pensamento, de modo a quasi esquecer o que a Carmen Carrero ainda mais uma vez acabava de attribuir. O amigo ouviu, prudentemente, sem interromper, toda a dissertação.

— Perfeitamente!—sou de tua opinião: Carmen póde amar-te com enthusiasmo; pois bem, o meu plano te dará a conhecer o que lia de certo no sentimento d'essa mulher. Tens, ainda assim, muito a ganhar no seu espirito; a tua dignidade de homem que não sabe humilhar-se terá uma *alta*, ao mesmo tempo que satisfazes o amor-proprio ferido e lhe dás uma severa lição de civilidade.

— Explica-te de uma vez!

— E' o que te peço que me deixes fazer, sem me interromperes e obedecendo-me cegamente. Não creias que lhe vaes escrever uma carta de trezentas paginas. De nenhum modo. Estas coisas originarias da minha diplomacia, têm a sua superioridade precisamente na maior simplicidade. Vejamos:—onde poderei encontrar um cartão de visitas do Sr. Dr. Lucio Herrera?

— No bolso-mestre d'esse *sobretudo*.

— Muito bem!—murmurou Carrero levando-se das indicações do amigo, indo depois busear uma caneta, armada da sua respectiva Mallat humedecida em um supposto onix dissolvido e apresentando-a, em companhia do bilhete de visita, a Lucio, que inconscientemente se dispoz a obedecer.

Carrero approximou um volume de pathologia interna para servir de pasta.

— A's ordens — foram as palavras de Lucio — deves, porém, comprehender que reservarei para mim o direito de veto ou sancção.

— Seja, mas obedece. Escreve lá. E' o que dicta a diplomacia n'este caso: «*A' senhorita Carmen, uma das preciosas joias da nossa sociedade, agradece o triumpho hontem á noite alcançado... Lucio Herrera*»,

— Já vês—continuou o diplomata *in partibus*, — já vês que de nada te servio o poder moderador com que te outorgaste.

— *Devéras!*... Agradeço-te a lembrança. Girardin gabava-se de ter uma ideia por dia; tu, senão lhe fazes concorrência, pelo menos és *meio* Girardin: tens quinze ideias por mez.

— Comprehendes, pois, o alcance da nossa diplomacia. Carmen é altamente perspicaz para perceber a lição tremenda que lhe dás. Ao mesmo tempo, dizes-lhe indirectamente a denuncia de Guillerme

Tosti. É digno de imaginar em que estado não ficará o espirito de Carmen, quando reconhecer que estás de posse de um segredo infamante, qual o da cumplicidade que lhe cabe no plano da pateada. Sim, porque, muito embora não sejas da minha opinião, ninguém me faz desviar da vereda pela qual dirigi o meu raciocínio.

— Ha uma dificuldade : de que modo chegaremos a conhecer a impressão que lhe causar o meu bilhete ?

— De um modo facil e que ainda mais te parecerá excentrico.

— Que importa ! Já agora, vale mais a pena fazer tudo á John Bull. Conta-me lá isso.

— Hoje envias o bilhete. Amanhan vaes fazer uma visita.

— Uma visita ?

— Meia visita ! Em todo o caso, ou visita ou fracção de visita.

— Não será jactancia ?

— Assim deixarás que pensem ; atira-te ás nuvens e deixa que os imbecis fiquem por cá, por este ridiculo valle de estupidez pretenciosa — valle que transborda — a conjecturar. *Sic itur ad astra*, como diz o divino Virgilio.

— N'esse caso, dizes que é necessaria a visita ?

— Absolutamente indispensavel.

— E não prevês que Carmen póde repetir a offensa ? não crês que hontem foi egual o seu procedimento ? E' muito arriscar !

ALFREDO BASTOS.

(Continúa).

CARTAS DO CAMPO

O orvalho fresco e brilhante
Delue-se na verde fronde,
Em que na calma se esconde
A passarada chilreante.

E sob o diluvio loiro
Do sol banhando as planuras,
As searas já maduras
Balançam espigas de ouro.

Rompe o colmo dos casaes
Uma fumaça azulada,
Ligando — cerula escada —
A terra ás terras astraes.

Por entre barrancos flavos
Rola o regato a agua fresca
Onde, á calma, se refresca
O bando dos patos bravos.

Longe, camponios boçaes
Cantam, á luz da manhan,
Empregados com afan
Em quebrar os milharaes.

Vae pelo valle echoando,
Em plangencia sonora,
A voz trisionha e saudosa
De seu cantar doce e brando :

« Boa vida, flor querida,
Passa quem não tem amor,
Assim mesmo, minha flor
Quero amar-te toda a vida.

« Quem ama tem desprazer,
Quem não ama tem pezar,
O' flor, eu vivo a te amar
E hei de amar-te até morrer.»

O canto vem na quebrada
Repetir-se, e o sol, cançado,
Vae no seu carro doirado
Galgando a esphera azulada.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará, em Minas, Maio 1894.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

Que tristeza! que melancolia!...

Uma magica no Sant'Anna: a *Cornucopia do Amor*; outra no Variedades: os *Talismans de Perlimpimpim*; outra no Lucinda: o *Cavalheiro da Rocha Vermelha!*

No Recreio representa-se o *Bendegó*, renovam-se os scenarios do *Conde de Monte Christo* e annuncia-se o *Rocamboles*.

O Apollo abriga uma companhia de zarzuelas de quarta ou quinta ordem.

O S. Pedro continúa transformado em circo de cavallinhos.

E para tornar ainda mais triste tanta tristeza, vem de S. Paulo a noticia do fallecimento de Frederico de Sousa, um dos mais esperançosos actores brasileiros...

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria H. Lombaerts, rua dos Ourives n. 7 e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.

Imprensa H. Lombaerts C.